

Prefácio

Paulo Amarante

Como citar: AMARANTE, Paulo. Prefácio. *In*: SADE, Rossana Maria Seabra. **Portas abertas: do manicômio ao território: entrevistas triestinas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 11-14.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-7983-546-9.p11-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO

Tive a possibilidade de conhecer e conversar pessoalmente com Franco Basaglia. Foi um contato marcante para minha vida pessoal e profissional. Percebi que estava diante de uma pessoa diferenciada, especial, carismática. Era o mês de outubro de 1978 e Basaglia estava no Rio de Janeiro para participar de um seminário juntamente com outros intelectuais de peso na época, como Thomas Szasz, Robert Castel, Félix Guattari, Erving Goffman e muitos outros. Em cada sala ou corredor nós nos deparávamos com um famoso! Eram nossas referências políticas e bibliográficas em carne e osso!

Mas, em meio a tantos autores famosos e brilhantes, Franco Basaglia mereceu um destaque, seja por parte da imprensa que cobriu o evento, seja por parte do público que dele participou. No meu entendimento, isto ocorreu porque Basaglia não conseguia ser, digamos assim, “um teórico” tradicional, um intelectual acadêmico, e desta forma, optou por discutir as questões sociais, políticas e econômicas que assolavam a sociedade naquela época. Da mesa em que estava sentado, em um dos belos salões do Hotel Copacabana Palace, onde ocorria o seminário, avistou uma favela e passou a refletir sobre a situação das pessoas que ali viviam e como os saberes que nós discutíamos chegariam até elas e poderiam mudar suas vidas.

Desde abril daquele mesmo ano de 1978 estava sendo criado o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), primeiro coletivo de articulação política brasileira de questionamento das práticas e saberes manicomiais. Por outro lado, os italianos viviam um período muito importante na medida em que em 13 de maio, também de 1978, havia sido aprovada a Lei 180, ou seja a Lei da Reforma Psiquiátrica Italiana, que viria a ser conhecida como Lei Basaglia. Tratava-se da primeira (e ainda única) lei nacional que prescrevia a extinção do modelo manicomial e sua substituição por um conjunto de práticas, princípios e dispositivos substitutivos (daí advém o uso deste termo nas políticas de saúde mental atualmente no Brasil).

É preciso que se diga que, rigorosamente, Franco Basaglia não participou da elaboração do texto da lei, ao contrário do que se pensa. Mas por que então a lei adotou o seu nome? Porque, fundamentalmente em Trieste, Basaglia formulou as bases conceituais e políticas e liderou o mais importante processo de transformação no âmbito da psiquiatria em toda a história. Diferentemente das experiências anteriores de reformas psiquiátricas, Basaglia demonstrou ser fundamental questionar os conceitos fundantes da psiquiatria, questionar a psiquiatria enquanto ideologia (especialmente em *Che cos'è la psichiatria?* e *L'istituzione negata*¹²) e, como consequência prática deste processo, desmontar as estruturas asilares e manicomiais e construir uma outra forma de lidar com as pessoas em sofrimento mental.

Uma das estratégias de Basaglia, ao mesmo tempo epistemológica e política, foi inverter a operação psiquiátrica de colocar o sujeito entre parênteses para se ocupar de um objeto abstrato, a “doença mental”. Era preciso, isto sim, colocar a doença entre parênteses para se ocupar dos sujeitos concretos das experiências. E, ao operar esta inversão, Basaglia demonstrou que os loucos, antes considerados raivosos, insensatos, perigosos, incapazes, improdutivos, irracionais, alienados eram, na verdade, sujeitos como nós, e que, como nós, necessitavam de casa, de trabalho, de amigos, de

¹ “O que é a psiquiatria?” (tradução nossa) e *A instituição negada* (publicado pela Editora Graal, Rio de Janeiro, em 2001, 3. ed.).

² BASAGLIA, F. (a cura di). *Che cos'è la psichiatria?* 2. ed. Torino: Einaudi, 1973. (Piccola biblioteca).
BASAGLIA, F. (a cura di). *L'istituzione negata: rapporto da un ospedale psichiatrico*. 6. ed. Torino: Einaudi, 1973.

música, de arte, da cidade, do território. Em um de seus últimos escritos, Basaglia dizia que se um dia alguém desejasse contar a história de Trieste, que não fosse por uma sequência de datas, números de leis e portarias, coisas deste tipo, mas sim por histórias de vidas que foram reinventadas, ressignificadas a partir do trabalho de desconstrução ali realizado.

A partir daí todo um processo inovador passou a ser construído em Trieste, que inspirou muitas outras experiências pela Itália afora, mas também em vários países e muito particularmente no Brasil. Nunca é demais lembrar que a revolucionária experiência iniciada em Santos, em 03 de maio de 1989, com a intervenção em um manicômio privado local e o início de um sistema substitutivo de saúde mental e atenção psicossocial teve como referência explícita a experiência triestina. Mas, muitas outras, como os Cersam's mineiros, explicitaram esta mesma vinculação teórica e política.

Fundamentalmente, pode-se dizer que em Trieste foi construído um novo modo de pensar e lidar com a loucura, onde esta não se reduz a uma experiência psicopatológica, com a qual é necessário responder única e exclusivamente com estratégias científicas, médicas e psicológicas. Uma vez fechado o manicômio era preciso ocupar o território, construir residências, projetos de trabalho, projetos culturais, projetos de lazer, novas formas de subjetivação, de sociabilidade, nos quais as pessoas pudessem ser efetivamente protagonistas. O que conhecemos como reforma psiquiátrica e como desinstitucionalização deixou de ser uma reforma administrativa de serviços, uma reforma de modelo assistencial e de introdução de novas tecnologias assistenciais, para ser um processo social complexo, nas palavras de Franco Rotelli, um processo dinâmico e permanente que envolve atores, invenção de dispositivos e múltiplas estratégias.

Um momento histórico demarcou esta trajetória de saída do manicômio e de ocupação do território da cidade, conforme descreve a autora neste livro: trata-se de Marco Cavallo, um belo e grande cavalo azul feito de papel machê, idealizado por um artista plástico, que simbolizava o desejo de liberdade dos até então exilados na instituição. Marco era um cavalo, verdadeiramente, que puxava uma carroça no Parque de San Giovanni, onde existia o hospital, e que ao ficar velho e impotente para o trabalho, deveria ser sacrificado! Qual foi a surpresa quando os internos se manifes-

taram contra esta execução e quando, mais tarde, convocados a participar da preparação da festa comemorativa do fechamento da primeira enfermaria, já sobre a direção de Basaglia, chamaram à memória o velho cavalo com o qual se identificavam por serem também considerados inúteis, imprestáveis, descartáveis!

A profundidade, a complexidade e a dinâmica de todo este processo podem ser identificadas e conhecidas em cada linha de *Portas Abertas: do manicômio ao território. Entrevistas Triestinas*. A escolha dos entrevistados e a forma com que a Rossana Maria Seabra Sade conduziu as entrevistas permitiu que a riqueza e a pluralidade da experiência triestina fosse totalmente explorada.

É um livro que vem em muito boa hora, pois apesar de termos tido as referências que aqui explicitamos, estamos sofrendo um perigoso momento de afastamento da tradição basagliana, tradição esta que nos abriu a perspectiva de que a questão do sofrimento psíquico e da loucura não pode ser considerada apenas no âmbito técnico-assistencial, apenas no âmbito das terapias.

Este livro é uma ferramenta que nos auxilia neste trabalho de descoberta e invenção do território, pois foi neste caminho que a experiência triestina se consolidou e se distanciou das outras tradições no campo da saúde mental.

Paulo Amarante